

Cenário Macroeconômico Agosto/26



COMENTÁRIOS DA GESTORA

Breve Panorama Macroeconômico

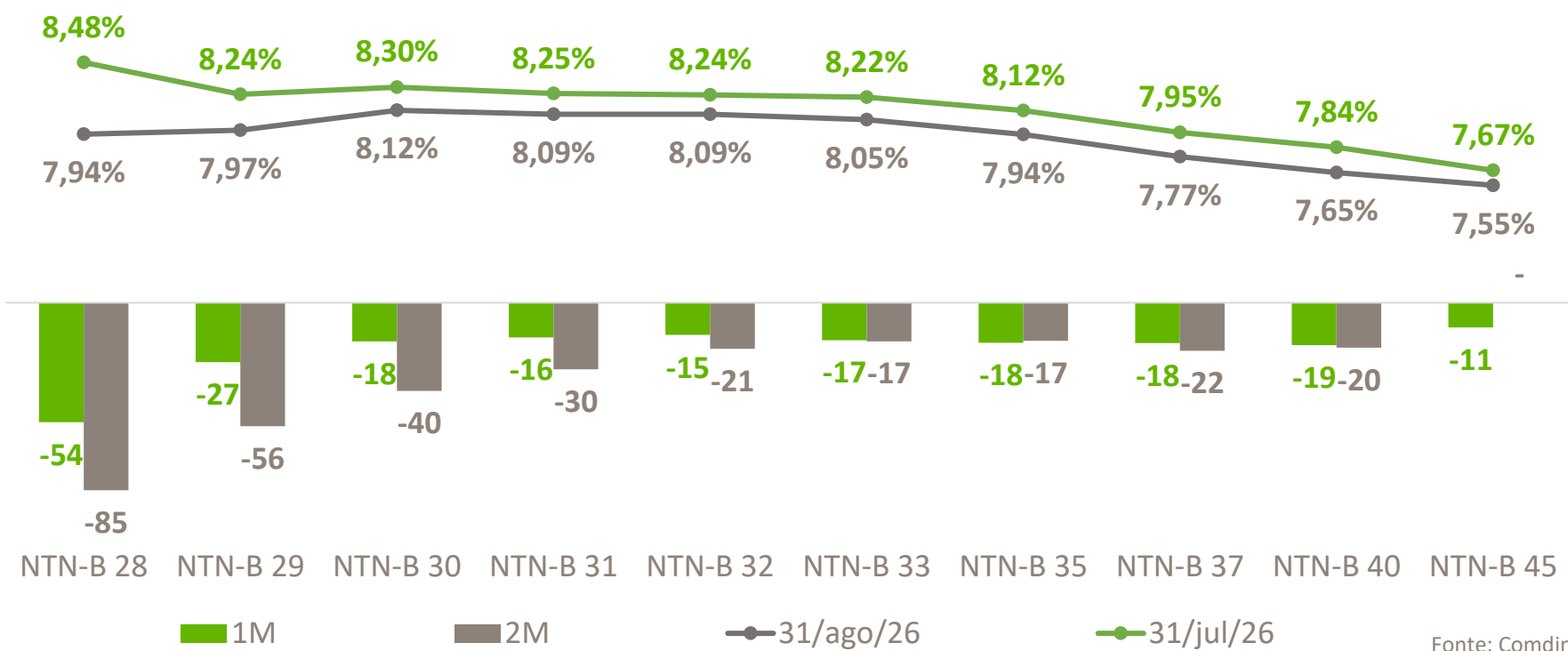
Agosto ficou marcado pelo simpósio de Jackson Hole reforçar viés *hawkish* de Kevin Warsh, levando o mercado a precificar aperto monetário neste último trimestre, também marcado por piora no âmbito geopolítico, com rompimento do cessar-fogo no Oriente Médio. Ainda no radar, a dívida pública americana atingiu a marca de US\$ 40 trilhões, em meio a déficits persistentes, atingindo relação de 125% do PIB do país (patamar superior ao nível registrado durante a Segunda Guerra Mundial). Ainda assim, a temporada de balanços continuou a impulsionar o bom humor nos índices: o Dow Jones encerrou o mês em alta de 1,34%, o S&P 500 de 2,62% e o Nasdaq de 3,93%, respectivamente.

No cenário doméstico, após uma breve retomada do capital estrangeiro em julho, tivemos nova saída de capital, de R\$ 18,1 bilhões na B3, porém, ainda mantendo saldo acumulado positivo de R\$ 18,2 bilhões no ano. Apesar do forte fluxo negativo, houve recuperação nos últimos 8 pregões, com entrada de capital, coincidindo com a melhora no humor e recuperação do Ibovespa. Diferentemente dos meses anteriores, fatores locais foram os principais catalisadores da melhora das expectativas, com indicadores econômicos e cenário eleitoral no radar. Nos indicadores, tivemos abaixo das expectativas os dados de produção industrial, PMIs, o IBC-Br de junho e CAGED de julho, refletindo perspectiva de desaceleração da atividade econômica e animando investidores para uma taxa Selic menor. Por outro lado, tivemos o volume do setor de serviços e o varejo ampliado melhores do que esperado. Por fim, a dívida pública atingiu o maior patamar em 5 anos, com nova piora na dívida líquida do setor público, de 68,5% para 69,1% do PIB. Já no cenário eleitoral, as pesquisas divulgadas ao longo do mês mostraram deterioração da avaliação do governo e estreitamento da corrida presidencial no segundo turno.

Em julho, o IPCA apresentou variação de 0,07%, nova desaceleração (4ª consecutiva e menor leitura mensal desde 2022), porém, ligeiramente acima das expectativas do mercado (0,03%), levando o acumulado em 12 meses para 4,44%. Já o IPCA-15 de agosto registrou queda de 0,40%, abaixo das estimativas (-0,30%), com o acumulado em 12 meses em 4,24%. O boletim Focus trouxe novidades para a projeção do IPCA: ajuste de 5,03% há 4 semanas para 5,01%. Em contrapartida, houve alta na projeção para 2027 (de 4,22% para 4,28%), com manutenção tanto para 2028 (3,80%) quanto para 2029 (3,50%). Por sua vez, a taxa Selic teve manutenção dos patamares, de 13,75% (final de 2026), de 12,00% para 2027, 10,50% para 2028 e de 10,00% para 2029.

Diante da perspectiva de desaceleração da atividade econômica e com os investidores de olho no cenário eleitoral, a curva de juros real teve mais um mês de arrefecimento em agosto. Dessa forma, os índices IMA-B 5, IMA-B e IMA-B 5+ renderam 1,28%, 1,58% e 1,81%, respectivamente.

Curva de Juros Real



Fonte: Comdinheiro

Contatos Úteis:

RB Asset Management
Administrador: BNY Mellon Serviços Financeiros
Ouvidoria: 0800-940-2707

ri@rbasset.com
sac@bnymellon.com



ESTE RELATÓRIO FOI ELABORADO PELA RB ASSET MANAGEMENT LTDA, SOB SUA RESPONSABILIDADE E TEM CARÁTER MERAMENTE INFORMATIVO, NÃO PODENDO SER DISTRIBUÍDO, REPRODUZIDO OU COPIADO SEM A SUA EXPRESSA CONCORDÂNCIA. A RB ASSET MANAGEMENT LTDA NÃO SE RESPONSABILIZA POR ERROS DE AVALIAÇÃO OU OMISSÕES. OS INVESTIDORES TÊM QUE TOMAR SUAS PRÓPRIAS DECISÕES DE INVESTIMENTO. ESTE RELATÓRIO É UM INFORMATIVO E DESTINADO AOS COTISTAS DO FUNDO, NÃO REPRESENTANDO OFERTA OU PUBLICIDADE. VERIFIQUE A TRIBUTAÇÃO APLICÁVEL. RENTABILIDADE OBTIDA NO PASSADO NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RESULTADOS FUTUROS. FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO SÃO GARANTIDOS PELO ADMINISTRADOR DO FUNDO, GESTOR DA CARTEIRA, DE QUALQUER MECANISMO DE SEGURO, OU AINDA, DO FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO (FGC). AO INVESTIDOR É RECOMENDADA A LEITURA CUIDADOSA DO REGULAMENTO DO FUNDO DE INVESTIMENTO ANTES DE QUALQUER DECISÃO DE INVESTIMENTO. VERIFIQUE A DATA DE INÍCIO DAS ATIVIDADES DESTE FUNDO. PARA AVALIAÇÃO DA PERFORMANCE DE FUNDOS DE INVESTIMENTO, É RECOMENDÁVEL UMA ANÁLISE DE, NO MÍNIMO, 12 MESES. OS RISCOS EVENTUALMENTE MENCIONADOS NESTE RELATÓRIO NÃO REFLETEM TODOS OS RISCOS, CENÁRIOS E POSSIBILIDADES ASSOCIADOS AO FUNDO. CABE AO INVESTIDOR SE INTEIRAR DE TODOS OS RISCOS ANTES DA DECISÃO DE INVESTIMENTO. INFORMAÇÕES SOBRE OBJETIVO, PÚBLICO-ALVO, RISCOS, POLÍTICA DE INVESTIMENTOS E BENCHMARK ESTARÃO DISPONÍVEIS NO REGULAMENTO DO FUNDO. CASO O ÍNDICE COMPARATIVO DE RENTABILIDADE UTILIZADO NESTE RELATÓRIO NÃO SEJA O BENCHMARK DO FUNDO, CONSIDERE TAL ÍNDICE MERAMENTE COMO REFERÊNCIA ECONÔMICA, E NÃO COMO META OU PARÂMETRO DE PERFORMANCE.

No cenário internacional, o principal evento ficou para reunião de Jackson Hole, com visão de uma postura *hawkish* de Kevin Warsh, reforçando perspectiva de aperto monetário pelo FOMC este ano. Nos EUA, os dados vieram mistos: deterioração no mercado de trabalho (ADP e Payroll, reforçados por revisões baixistas das leituras anteriores), vendas no varejo, produção industrial e PMIs em queda, por outro lado, tivemos ISM, índices de confiança e sentimento melhores do que esperado. Ainda, houve a divulgação do PCE acima das estimativas, reforçando perspectivas inflacionárias, aliada à leitura *hawkish* do novo Fed. De acordo com a ferramenta *FedWatch*, temos uma clara divisão em relação à próxima reunião, com apostas atualmente em torno de 60% por uma expectativa de aumento de 25bps.

Na Europa, indicadores econômicos vieram majoritariamente positivos, com produção industrial, balança comercial, índices de confiança e PMIs melhores do que o esperado. Já a segunda leitura do PIB do 2º trimestre (+0,4%) em linha, enquanto vendas no varejo vieram abaixo das estimativas. Na China, destaque ficou para a balança comercial de julho, marcado por crescimento de exportações (+23,9%) e importações (+27,5%). Em contrapartida, tivemos a divulgação dos dados econômicos reforçando desaceleração econômica já observada, com vendas no varejo, produção industrial e PMIs abaixo das estimativas.

No mercado de *commodities*, o petróleo apresentou nova alta, encerrando em US\$ 90,49/barril (Brent), avanço de pouco menos de 3%. O mês ficou marcado por forte volatilidade nos preços do barril, sendo negociado abaixo dos US\$ 80 ao longo do mês e voltando ao patamar atual, diante da continuidade da tensão no Oriente Médio, com nova redução do fluxo marítimo no Estreito de Ormuz e baixa visibilidade de um acordo. Já o minério de ferro apresentou recuperação, diante de início de um período sazonalmente mais forte em termos de demanda e produção de aço (índice 62% Fe a US\$ 99,45/ton, alta de 3,81%), com perspectiva de manutenção no atual patamar até o começo do ano que vem, visando reforçar estoque antes do início do período chuvoso na China.

O Ibovespa, conforme supracitado, teve um mês de alta volatilidade, chegando a marcar perda mensal de 6,5% ao longo do mês, mas encerrando em leve perda de 0,33%, aos 177.419 pontos, ainda acumulando ganhos de 10,11% no ano. Por outro lado, o dólar fechou em alta de 2,17%, cotado a R\$ 5,18, porém acumulando desvalorização de 5,63% em 2026. Para setembro, teremos decisões de BCs globais influenciando os ativos globais, em especial a decisão do Fed, com especial atenção aos indicadores econômicos diante da postura *hawkish* e *data driven* do comitê presidido por Kevin Warsh. No âmbito interno, com iminência do período eleitoral se aproximando, expectativas ficam para pesquisas eleitorais, assim como eventual sinalização do Copom dos próximos passos da política monetária.

